

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Polho de São Paulo Class.: RIX-Prod. Cultural

Data: 18/11/81 Pg.: 594

Vaias para "Xingu Terra", em Brasília

BRASÍLIA (Sucursal) — No segundo dia do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, o público que lotava o maior cinema da Capital, com capacidade para 700 pessoas, vaiou o filme "Xingu Terra", da fotógrafa inglesa Maureen Bisilliat. Aos gritos de "Foi pago pela Funai" ou "Isso é Amaral Neto", "Xingu Terra" se parecia realmente com os filmes do estilo "propaganda do governo".

No caso, a proposta de Maureen Bisilliat foi mostrar o paraíso xinguano, uma área situada no município de Barra do Garça (MT). Ali convivem 16 nações indígenas de diferentes culturas, todas elas lutando pela sobrevivência física, pois a sobrevivência cultural passou a ser requinte. Morrem de sarampo, coqueluche e pneumonia, como aconteceu em julho deste ano. Estão abandonados, com fome, pedindo esmolas aos visitantes.

Para a fotógrafa e cineasta, o Xingu, é, no entanto, uma sucessão de festas coloridas como o Yamaricumá, a rebelião organizada das mulheres, as lutas de huca-huca, com o campeão Aritana, chefe valapitim, e os refrescantes banhos na lagoa dos Meináçus, grupo mostrado no filme, e as panelas de barro dos Vaurás. Cenas do nascer e do pôr-do-sol não faltam, como não faltam também as adolescentes nuas, preparando-se para a festa de iniciação, ao som das flautas sagradas. O que faltou mesmo foi o chefe dos Meináçus, dizendo por que não há mais tantas festas no Xingu. Ele aparece rapidamente contando o mito do Yamaricumá, em close, com seu cocar colorido, como natureza morta. O filme é uma repetição das fotos de Maureen Bisilliat: cores e formalismo. Não há vida nos seus personagens fotográficos e ela transportou essa mesma linguagem para um filme de duas horas de duração.

EXCEÇÃO

Logo no início do filme há o primeiro engano: com a frase "o parque indígena do Xingu, infelizmente, é uma exceção", a diretora tenta convencer o espectador de que o parque é realmente o paraíso procurado, onde todos cantam e dançam, pescam e comem o ano inteiro. Embora frequente o Xingu há anos, esqueceu (ou não viu) a fome que persegue os índios durante a estação chuvosa. Esqueceu de mostrar a grande preocupação dos xinguanos, que é exatamente o avanço de nossa sociedade e a força de nossas máquinas. A frase do início seria mais real se fosse invertida: "O parque do Xingu, infelizmente, não é uma exceção". Os 3 mil indivíduos que ali vivem sofrem os mesmos dramas dos demais 220 mil índios do País. Sofrem porque seus filhos não têm escola, porque as crianças morrem por falta de vacinas e, principalmente, pela eterna ameaça de invasão de suas terras.

Narrado monotonamente pelo sertanista Orlando Villas-Boas, o criador do Parque do Xingu, o filme explora apenas o exótico e já tem comercialização certa: as televisões da Europa. É o tipo do filme que vai ser comprado pela França, Alemanha, Inglaterra e, principalmente, os países escandinavos, que sempre esperam do Brasil imagens coloridas. M.M.

Proposta de criação do Centrocine é aprovada

BRASÍLIA (Sucursal) — A proposta de criação do Centro Modelo de Cinema (Centrocine), que absorveria toda a área cultural do setor da Embrafilme e atuaria, ainda, como executor da lei do curta-metragem, foi aprovada ontem pelos representantes de todas as associações brasileiras de documentaristas, reunidos em Brasília.

Houve um consenso entre os participantes no sentido de que, para o fortalecimento do filme cultural no Brasil, é necessária a autonomia dessa área da Embrafilme, que se consolidaria com a criação do Centrocine. Dessa forma, o Departamento de Operações Não-Comerciais da empresa seria absorvido por esse centro que atuaria, ainda, como centralizador da arrecadação dos 5 por cento



A fotógrafa e cineasta Maureen Bisilliat preferiu mostrar apenas o exótico.

sobre a renda do filme estrangeiro que a legislação do curta estabeleceu.

Com a atribuição também de arrecadar, o Centrocine corresponderia ao Escritório Central de Arrecadação na área de cinema e eliminaria o intermediário, que no caso é o exibidor, uma figura que não agrada muito aos cineastas. Aliás, o boicote dos exibidores em relação à reserva de mercado e a situação dos filmes que a Embrafilme contratou e não consegue exibir porque os exibidores não os programam, serão temas de discussão ainda esta semana.

O Departamento de Operações Não-Comerciais da Embrafilme engloba o mercado compulsório e é responsável por todo o acervo de filmes culturais existentes, edita a revista "Filme Cultural" e tem outras atribuições. Os documentaristas consideraram imprescindível a desvinculação desse departamento da Embrafilme, medida que agilizaria e fortaleceria esse setor.

A proposta foi aprovada e ontem mesmo foi designada uma comissão, formada pelos cineastas Vladimir Carvalho, Sérgio Santeiro, Joaquim Pedro de Andrade e Orlando Bonfim, que irá ao secretário de Cultura do MEC, Aluísio Magalhães, conversar sobre a viabilização do projeto.

ANTIGA ASPIRAÇÃO

Na verdade, o que os documentaristas pretendem é apenas a implantação de um velho projeto do governo que já previa a criação do Centrocine. A instituição do Centro Modelo de Cinema foi proposta em 1974 por uma comissão de alto nível, designada pelo então ministro Nel Braga para propor medidas de reformulação dos órgãos do MEC relacionados às atividades cinematográficas.

Ao propor a criação do Centrocine, a comissão argumentou que o projeto seria a ressurreição do antigo Instituto Nacional do Cinema Educativo, fundado em 1936, por Roquete Pinto, "cuja visão alcançava largos horizontes e por isso tinha a exata compreensão do papel do cinema na educação e na cultura do povo".

A comissão considerou ainda as tarefas atribuídas ao Centrocine, como por exemplo atividade de pesquisa, produção, co-produção de filmes culturais, educativos e científicos, de difusão, etc., como de importância capital para a cultura brasileira. Ao mesmo tempo estaria garantida a formação de uma sólida infra-estrutura para o cinema nacional.

Amorim nega crise no festival

BRASÍLIA (Sucursal) — "O Festival de Cinema de Brasília não está esvaziado. Vocês puderam ver hoje (ontem), o público participou, vaiou, bateu palmas. Está até mais animado do que no ano passado." A afirmação é do presidente da Embrafilme, Celso Amorim, para quem o festival cumpre seu papel de apresentar a produção cinematográfica brasileira. Quanto ao boicote organizado pela comunidade cultural de Brasília,

em represália ao veto contra o filme de Vladimir de Carvalho, "O Homem de Areia", o presidente da Embrafilme esclareceu que "foi o único produzido 100 por cento pela Embrafilme".

Um dos membros do júri, Lisleio Fábio do Brasil Camargo, distribuiu nota comentando críticas feitas contra os critérios de seleção dos filmes, referindo-se especificamente a "O Homem de Areia".